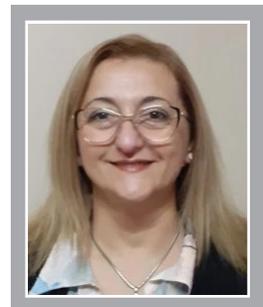

A capacitação de crianças e jovens como o cerne da nossa missão

“A proteção visa defender os direitos das crianças e capacitá-las como sujeitos desses direitos. E capacitar as crianças como sujeitos desses direitos. Esta mudança de mentalidade é essencial para uma boa liderança”
(Vozes Maristas, cap.11 - Ir. Gabriel Villa-real e Ir. Père Ferré)

Analía Ruggeri

Educadora, Directora, Advocacia e Promoção de Direitos
Província de Cruz del Sur, Argentina



Fui professora e diretora da escola “Marcelino Champagnat”, que está completando 30 anos de educação para crianças e jovens num bairro complexo da cidade de Rosário. Atualmente, na província de Cruz del Sur, coordeno a equipa de Defesa e Promoção dos Direitos das Crianças, Adolescentes e Jovens e Advocacia em Políticas Públicas (DDyPP). A partir desse espaço de animação, participo da Rede Marista Coração Solidário Interamericano e, por um período, atuo na coordenação da comissão. A partir daí, acompanhamos e promovemos no continente americano a solidariedade transformadora que sonhamos para garantir os direitos das crianças e jovens num território tão desigual.

Procuró viver esta liderança de serviço com o esforço que a coerência entre o sentir, o pensar e o fazer impõe. Entendo-a a partir da exigência de honestidade com o real, do esforço para captar a verdade e poder responder a partir dela.

Ao longo deste tempo, reconheço que fui construindo um estilo de liderança em que a realidade sempre se impôs a mim e exigiu que eu desenvolvesse uma grande capacidade de contemplação quando a indignação e a impotência aparecem diante de uma vida ameaçada. Esta experiência forjou em mim um princípio de limitação pessoal e, ao mesmo tempo, um lugar privilegiado para construir sempre com os outros. Sentindo que os meus olhos não bastam e as minhas mãos não são suficientes, a comunidade resgatou o ego e surgiu o potencial de liderança transformadora a partir de dentro. Foi necessário muito trabalho pessoal para re-significar e direcionar o que a injustiça e a dor poderiam impulsionar de uma liderança ao serviço desta causa.

Ainda estou a aprender a ser capaz de assumir o comando e lidar com a realidade tal como ela é (e não tanto como eu gostaria que fosse), fazendo com que as coisas aconteçam para o bem comum. Onde, em cada pessoa que encontro, reconheço que ela tem algo de valioso para dar à transformação humana que, ao mesmo tempo, a humaniza. A liderança transformadora suporta as dores e impulsiona criativamente o que é necessário “para fazer raiar a aurora” (parafrazeando aquele que continua a ser um grande líder para além do seu tempo, o Irmão Basílio Rueda).

Mas falemos de liderança e empoderamento na primeira pessoa: quando sou uma líder marista servidora e profética que empodera crianças, adolescentes e jovens? Em primeiro lugar, como mulher marista, sempre vivi o compromisso com as tarefas ao lado de meus irmãos. A confiança que sempre experimentei diante de cada desafio e a corresponsabilidade assumida com a missão foram significativas para o meu processo de empoderamento. Sou profundamente grata àqueles que confiaram em mim, mas sobretudo pela escuta empática e igualitária, pelas decisões tomadas em conjunto a partir de uma autoridade reconhecida que me obriga a respeitar e a cuidar dos outros.

Identifico-me como um líder marista servidor e profético que procura animar, gerando uma sinergia transformadora a partir do próprio empoderamento das pessoas como protagonistas transformadores. Desta maneira, pretendo ser contagioso na tarefa de empoderar as meninas, os meninos e os jovens, como fez o próprio Jesus em seu tempo. Colocando-os no centro de todas as ações, baixando-nos para ver o mundo através dos seus olhos, recordando sempre que eles são “terra santa” que se cultiva antes de mais com ternura. Aceitar o convite de nos dirigirmos a eles para entrar no Reino.

Quando me pediram para escrever sobre o “empowerment”, a primeira coisa que pensei foi na própria complexidade do termo. Vejo-o como um processo em que as pessoas assumem o poder sobre suas próprias vidas, para além da situação de opressão que têm de superar; como um caminho em que a liderança pode abrir uma porta de acesso ao direito das pessoas de se envolverem na tomada de decisões que lhes dizem respeito; como um apelo a serem protagonistas com



suas próprias vozes; como um espaço onde há lugar para a escuta empática e conseqüente, contemplativa, capacitadora e transformadora. Na perspectiva da liderança marista servidora e transformadora, assumimos essa responsabilidade que temos com as pessoas e, de forma muito especial, com as crianças, adolescentes e jovens. Buscamos empoderá-los para que tenham confiança e autoconfiança em si mesmos, em suas capacidades, em seu potencial e na importância de suas ações e decisões, a fim de afetar positivamente suas vidas e as de suas



comunidades. O empoderamento pode ser uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens, quando suas opiniões são levadas em conta.

Como líderes maristas servidores e proféticos, podemos empoderar as crianças, os adolescentes e os jovens de várias maneiras. Uma das minhas prioridades é a defesa dos seus direitos. Este novo campo de missão é uma resposta aos tempos em que não tivemos a capacidade de escutar, em que silenciámos os seus corpos, em que o nosso adultocentrismo gerou relações de poder abusivas, incapacitando a palavra, afastando as crianças e os jovens do centro da nossa missão porque, por vezes, colocámos o prestígio institucional em primeiro lugar, ou pela simples ignorância da cegueira de velhos paradigmas tutelares. Assumir a dor causada pelas próprias crianças lesadas obriga-nos hoje a garantir nas nossas instituições espaços sistemáticos de participação e protagonismo que contribuam para o processo de empowerment. “Onde falar é sempre prevenir”, “porque os segredos não têm lugar” e “cuidar não é uma opção”, mas um direito.

Na minha experiência, focar a tarefa da liderança marista em benefício das crianças, adolescentes e jovens significa trabalhar para melhorar suas vidas em todos os sentidos. Isso implica em desenvolver políticas (dentro da minha Província Cruzeiro do Sul e em todos os âmbitos maristas em que sou convidada) programas que promovam e garantam os direitos das crianças, adolescentes e jovens, principalmente promovendo uma educação de qualidade com aprendizagens significativas para a vida. Significa também trabalhar para criar ambientes seguros e saudáveis para eles, promovendo um bom tratamento e uma cultura do cuidado em nossas instituições. Significa também oferecer espaços para ouvir as suas necessidades e preocupações e trabalhar para resolver os problemas que enfrentam. Significa encorajar a participação ativa na tomada de decisões que afectam as suas vidas. Significa proporcionar oportunidades para desenvolver competências e talentos através da utilização de múltiplas linguagens (artísticas, musicais, tecnológicas, etc.). Implica fomentar a autoestima e a autoconfiança como um importante fator de proteção contra possíveis situações de abuso. Proporcionar um ambiente seguro e saudável. Implica o reconhecimento de mapas de risco nas nossas instituições e experiências educativas. Significa promover o respeito



pelos direitos humanos e pela diversidade. Por último, é educar na interculturalidade e na internacionalidade para uma cidadania global. Todos eles contribuem para o processo de capacitação que reforça a nossa missão: que as crianças são crianças e podem usufruir plenamente dos seus direitos.

Somos convidados a gerar diálogos intergeracionais (e não monólogos ou palestras) para pensar numa liderança que contribua significativamente para este processo de empoderamento dos indivíduos e da própria comunidade. Proporcionar espaços para que a palavra circule horizontalmente com o respeito e a responsabilidade que isso implica. Utilizando as ferramentas necessárias para aumentar a sua força na confiança mútua, adquirindo uma maior capacidade de escuta empática, para tomar decisões informadas e atuar em seu próprio benefício e no de toda a comunidade. É necessário um acompanhamento educativo e um encontro com as crianças e os jovens a partir das suas próprias realidades históricas e sociais, de uma forma mais abrangente e sistémica. As iniciativas devem ter um impacto na construção de novas realidades, mais justas e equitativas para o presente.

As crianças não são o futuro, são o presente que nos desafia e compromete através das decisões institucionais que tomamos para que possam usufruir desta etapa vital e da cidadania plena. É com elas, não apenas para elas. A partir do nosso ser educadores maristas, assumimos ensinar com sentido as realidades injustas que merecem ser desconstruídas, apelando ao pensamento crítico, ao uso responsável da palavra. Promovendo a participação e o protagonismo que nos torna co-responsáveis na construção de acordos e no respeito ao dissenso. Onde “formar bons cristãos e honestos cidadãos” está vinculado a uma proposta educativa de qualidade, que forme para a vida democrática e fraterna.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it